**FACULDADE INTERNACIONAL DE TEOLOGIA REFORMADA – FITREF**

**Curso: MESTRADO EM ESTUDOS CRISTÃOS - MCS**

**Disciplina: TS 501 - O ESPÍRITO SANTO E A IGREJA**

**Aluno: NELCIMAR DOS SANTOS AGUIAR**

Resenha crítica sobre o livro “O Espírito Santo¸ autor: Sinclair B. Ferguson; Editora: Os Puritanos; São Paulo-SP, 2000.

O autor disserta sobre o tema que se tornou comum no meio evangélico e em especial os do movimento pentecostal e do movimento carismático; O Espírito Santo, a terceira pessoa da Trindade, O Espírito de Deus, O Espírito de Cristo. Com a ganância pelos poderes do Espírito Santo, os livros tem sido deixados de lados. O autor afirma que o Espírito Santo foi quase de novo descoberto no século vinte, o que é um risco de heresia e miopia histórica. É esquecido que o teólogo da Reforma, João Calvino, foi descrito como “ o teólogo do Espírito Santo”. O Espírito Santo ficou no esquecimento, sendo a pessoa negligenciada da Deidade. O Espírito Santo permanece, para muitos cristãos, anônimo do ser divino. Segundo o autor, seria mais próprio descrever o Espírito Santo como a pessoa desconhecida da Trindade, em vez da pessoa esquecida. Esta obra se ocupa em mostrar o entendimento que a igreja deve ter quanto ao Espírito Santo. Também anseia em conduzir o leitor a comunhão com o Espirito Santo, por meio de quem somos conduzidos a adorar, glorificar e obedecer ao Pai e ao Filho. Neste livro, é delineada a obra do Espírito Santo de uma forma bíblico-teológica. Nas páginas deste livro, Sinclair toma o cânon do Antigo e do Novo Testamento, dando-lhe o seu valor real, certo de que é a Palavra de Deus.

O livro nas suas 357 paginas está dividido em onze capítulos, que apresentam a identidade do Espírito Santo e sua obra.

O Capitulo 1 – O Espírito Santo e sua obra, inicia com uma pergunta que irá nortear todo o livro: “O que é ou quem é o Espírito Santo? Segundo o autor, as o nome “Espírito Santo” tende comunicar uma imagem fria, até mesmo remota. Além do mais, o que é “Espírito”? Abraham Kuyper responde: “ Não sabemos o que são os espíritos, nem o que é nosso próprio espírito”. O nome “Espírito Santo” é tão antigo e com sua conotações tão vagas, misteriosas e carente de substancialidade, sempre expressou o que muitos cristãos experimentam: o Espírito Santo é visto um tanto distante e impessoal em comparação como o Pai e o Filho. As palavras bíblica para “espírito” (Heb. *Ruach*; Gr*. Peneuma*) são termos onomatopéicos. Sua formação etimológica e seu som comunicando certo sentido de seu significado básico: a expulsão do vento ou fôlego, a ideia de ar em movimento. Fica esclarecido à luz das várias referências bíblicas supracitadas que ruach indica mais do que simplesmente a energia de Deus; a palavra descreve Deus envolvendo-se num esforço ativo em sua criação e de uma forma pessoal. O termo *ruach* no Antigo Testamento, serve como um termo de ligação para descrever o Criador partindo rumo à criação. A poderosa presença de Deus se revela em seu Espírito com vistas ao cumprimento de uma variedade de propósitos na história redentora. Essa é a presença administrativa do Espírito de Deus. O ministério do Espírito não se limita aos dons que servem para o estabelecimento nacional do povo de Deus, à criação de entidade política, uma teocracia no sentido externo. Sua obra é também moral e redentora. No discernimento neotestamentário da salvação, certas características morais e espirituais são produzidas exclusivamente pelo Espírito. No Novo Testamento, o novo nascimento ou regeneração pode servir muito bem de sugestão para a atividade de Deus especificamente do novo pacto, inaugurada pela obra de Cristo em sua morte, ressurreição, ascensão e o envio de seu próprio Espírito. O ensino de Paulo em 2 Co 3, indica que há um desenvolvimento notável do antigo ao novo, precisamente em termos do ministério do Espírito. Nas paginas do Novo Testamento, a deidade pessoal do Espírito finalmente se torna clara. Ele se engaja na atividade divina, possui conhecimento divino das coisas divinas (1Co 2.10-11) e exerce prerrogativas divinas (Rm 15.19; 1Co 12.11).

O Capítulo 2 - O Espírito de Cristo. Neste capítulo o autor discorre sobre o que diz respeito ao ministério do Espírito. O ensino mais contundente e importante que existe nos Evangelhos é o que encontramos no discurso de despedida que Cristo pronunciou (Jo 13-16). A vinda do Espírito Santo é anunciada em termos programáticos (Jo 15.26-27). De acordo com o autor, a obra do Espírito pode ser interpretada numa visão dupla, levando-se em conta a obra do Espírito da criação ao êxodo. Na obra da nova criação, o segundo homem, Jesus, é introduzido no mundo pelo Espírito. No dia do seu batismo, Jesus recebeu a ablução desse batismo e a unção do Espírito com vista ao seu próprio ministério sacerdotal. É uma unção pra o tríplice oficio messiânico prefigurado pelos profetas, sacerdotes e reis. Jesus foi batizado com o Espírito e viveu sob o seu senhorio. Ele foi ungido “com o Espírito Santo e com poder” para seu ministério. O Espírito serve como cartógrafo celestial e divino estrategista que delineia a batalha terrena e dirige o Rei-Guerreiro no ponto estratégico do conflito. Ele é o general coadjuvante de Jesus Cristo na santa guerra que deflagrada pela encarnação. Segundo texto, o Filho é *parakletos*; o Espírito é *allos parakletos*. Ambos agem na esfera terrena, com o Espírito sendo outro do mesmo gênero que o Filho. Portanto, ter o Espírito é ter Jesus Cristo; ter Jesus Cristo é ter o Espírito. Assim, quando Jesus Cristo anuncia sua retirada dos discípulos, mas assegura-lhes que “voltará para eles”, Ele está falando de sua ressurreição e nem de seu reaparecimento no regresso final, mas de sua “vinda” no dom do Espírito. A vinda de Jesus Cristo é a vinda do Espírito em virtude da plena união entre Jesus Cristo e o Parácleto.

Capítulo 3 – O dom do Espírito. Neste capítulo o autor destaca o dom do Espirito. Afirma ele que o Pentecostes publicamente marca a transição do antigo para o novo pacto, e significa o começo do “agora” do dia salvação (2Co 6.2). A doação do Espírito anuncia a exaltação divina de Cristo à destra do Pai. É a expressão publica de sua coroação. Aquele que estava “com” eles, na presença Cristo, então estaria “neles”. Em seu discurso de despedida, Jesus envia o Espírito “da parte do Pai”. o Espírito é, portanto, enviado pelo Pai e pelo Filho como Mediador. há uma dupla fonte para a sua missão, ele avança para ela da parte do Pai e do Filho. O mistério do ministério do Espírito aponta, portanto, para a gloria da comunhão do cristão com Deus. Nossa comunhão no Espírito é com o Pai e com o Filho (1Jo 1.3). O tema deste capitulo não fica bem explicado com uma linguagem clara, contudo a exegese é bem consistente. A pergunta a ser respondida é: O que é o dom do Espírito? O autor de concentra na processão do Espírito. Essa era uma questão da igreja antiga. A igreja moderna não tem dúvida quanto a isso, porém o cerne da discursões hoje é “dom e dons”.

Capítulo 4 – Pentecostes hoje? Nesta divisão do conteúdo, é afirmada que a interpretação da vinda do Espírito Santo no Dia de Pentecostes, deve ser como um evento cristológico. O Pentecostes contém implicações de continuidade para a vida da igreja? Suscitam-se diversas questões afim de construir uma teologia da atual experiencia que a igreja tem do Espirito. Que elementos do Pentecostes, são possíveis repetição ou mesmo normativos na experiencia da igreja? O Pentecostes não é repetido, os acontecimentos em Jerusalém, Samaria, na casa de Cornélio e em Éfeso deve ser interpretado em termos do cenário histórico único da igreja primitiva. O Pentecostes não é “repetido”, assim como a morte e ressurreição de Cristo não se repetem. Cada um bebe do Espirito individualmente. O Pentecostes não é mais repetível como um evento, à semelhança da crucificação, da ressurreição, ou da ascensão de nosso Senhor. É um evento da história da redenção, e não deve ser incluído na grade da aplicação da redenção. O Pentecoste propriamente dito não é mais repetível do que o é a crucificação, ou o túmulo vazio, ou a ascensão. Os crentes participam da implicação de todos os eventos histórico-redentivos. Quanto às línguas do Pentecostes não são tidas como um elemento normalmente repetido na experiencia de iniciação dos crentes posteriores. O Pentecostes é o epicentro; mas o terremoto dá seguimento após os impactos. Esses estrondos prosseguem pelos séculos a fora. O pentecostes não e repetido, mas uma teologia do Espírito que não suscita oração por sua vinda em poder não é uma teologia do *ruach*. Existem duas dimensões para o Pentecostes: o histórico-redentivo e o existencial-pessoal. O primeiro ocorre uma vez para sempre e não se repete; o segundo deve ser visto como aspectos do ministério contínuo do Espírito. Além disso o ministério de Espírito é restaurar a gloria da criação caída.

Capítulo 5 – O Espírito da ordem. Neste capítulo o autor trata da agencia do Espírito Santo na ordem da salvação. Ele é derramado no Pentecostes como um Espírito de restauração. Ele veio primeiro em Jesus como o cabeça, sua atividade é soteriológica, comunal, cósmica e escatológica, e envolve a transformação do indivíduo, o governo da igreja e do mundo e a introdução de um novo tempo. No Novo Testamento já temos esse padrão do Espírito, pessoas são levada a Cristo como Redentor e Senhor, pelo poder do Espírito Santo. Essa nova sociedade é formada e sustentada pelo governo e atividade do Espírito Santo. O ensino reformado medieval, enfatizava que o Espírito Santo conduzia o indivíduo à direta comunhão com Cristo, sendo os sacramentos, sinais e selos. Contudo, há uma pergunta a ser respondida: “Como o Espírito aplica as bençãos de Cristo ao indivíduo?”. A discursão sobre causas e efeitos atravessou séculos. Porém, quando se trata de um modelo, há o perigo de deslocar Cristo do seu lugar central na salvação. Não se trata da fonte mas como essa ordem é aplicada. Cada elemento na ordo salutis clássica é assim uma perspectiva adicional naquela realidade da união do crente com Cristo. Tudo o que é de Cristo, como Ele é para nós, é nosso. Visto que Ele é nosso parceiro pactual e o Espírito Santo nos une a Ele. Pelo Espírito, Cristo nos confere todos os bens, pois somos um com Ele, estamos “em Cristo”. Tudo que é dele como Mediador, nos é concedido pela graça. Nossa vida genuína e final está oculta com Ele. O Espírito desvenda para nós e em nós as riqueza da graça de Deus a quais herdamos em Cristo. Aqui fica claro a posição do autor quanto a obra do Espírito Santo na ordem da salvação. Por meio da nossa união com Cristo, operada pelo Espírito, recebemos todas as bençãos de Cristo, vistas na eu nascimento, morte, ressurreição e ascenção.

Capítulo 6 – Espirito recriador. A vida em união com Cristo é multi-dimensional em seu caráter e vista de várias perspectivas. Ela também envolve uma correlação da ação de Deus com a ação do homem, sendo uma atividade do Espírito. Não podemos marcar uma ligadura onde a ação de Deus termina e a do crente começa. Seja a regeneração e os elementos da conversão, são dons de Deus. Cresce a ideia do Espírito como operador do novo nascimento, embora o termo “regeneração” não seja estritamente associado a Ele. As declarações do Novo Testamento sobre regeneração enfatizam a atividade soberana, monergista, do Espirito. A metáfora do novo nascimento indica um começo que não é autônomo. Nascemos não por nossa própria conta, mas por decisão divina. Somente o Espírito de Deus pode gerar mais carne, espírito e o que é espiritual. O reino de Deus é espírito, a carne não tem acesso. A fé e o arrependimento são expressões da regeneração, não são apenas aspectos inaugurais da nova vida, mas características e frutos do ministério contínuo do Espírito.

Capítulo 7 – O Espírito de santidade. Este capítulo trata da atividade transformadora do Espirito na semelhança com Cristo. O homem foi chamado para expressar a semelhança à imagem de Deus, mas caiu desse estado. A restauração a este estado se efetua através da obra de santificação realizada pelo Espírito, na qual ele toma os que tem distorcido a imagem de Deus na ignomínia, e os transforma naqueles que portam essa imagem em glória. Os crentes em Cristo tem uma identidade nova e distinta em virtude do laço de união que o Espírito cria entre eles e Cristo. Essa nova identidade em união com Cristo é o principio fundamental que o Espírito estabelece para tratar adequadamente da presença continua do pecado. A teologia paulina ensina que os cristãos vivem a tensão, em relação ao pecado: “seu reinado já” se findou, mas sua presença “ainda não” foi eliminada. Essa nova identidade é o princípio fundamental que o Espírito estabelece, para tratar adequadamente da presença contínua do pecado. A união com Cristo, em sua morte e ressurreição, é, portanto, o plano básico para a obra do Espírito de santificação no mais básico nível da existência cristã.

Capítulo 8 – A comunhão do Espírito. A comunhão com Cristo tem como seu fundamente inicial a condução do Espírito à união com Cristo. Toda a vida cristão é caracterizada pela chamada koinonia do Espírito Santo. É em comunhão com o Espírito Santo que experimentamos a comunhão que o Espírito cria nas bençãos do evangelho no contexto da igreja de Cristo. Os cristãos são exortados a tomarem posse da mesma comunhão que é paradigma na vida de Cristo.

Capítulo 9 – O Espírito e o corpo. Por achar-se radicada na ressurreição de Cristo, a nova criação é inseparável dela e deve ser vista à luz dela, como uma obra mais ampla, mais incorporada de renovação, na qual o Espírito de Cristo se acha engajado ao longo de toda a história. Cristo chama a si não somente indivíduos, mas uma ekklesia, uma assembleia inteira. As exortações do Novo Testamento embora tenha efeito individual, são geralmente expressas no plural para toda a igreja. O Espírito não isola indivíduos, mas cria uma nova comunidade. A analogia paulina empregada é central: a igreja é o corpo de Cristo no qual somos introduzidos pelo ministério do Espírito. Esse ingresso é efetuado pelo batismo do Espirito. Paulo vê o Espirito como o instrumento (com/em o Espírito) e não o agente (“pelo Espírito”) essa conclusão é irresistível. Não se trata de nenhuma obra do Espírito, mas a recepção dele. Todos os crentes são batizados por Cristo num só corpo; o Espírito é o instrumento desse batismo. O batismo com o Espírito nos introduz na vida de união com Cristo e no seu corpo, a igreja. O batismo com água caracteriza isso externamente. O batismo e a ceia são sinais e selos pactuais; ambos aponta Jesus Cristo e sua graça. O batismo é sinal inaugural da nossa união com Cristo. A Ceia do Senhor é um sinal de continuação da nossa comunhão com Cristo e deve ser recebida com frequência. Não pela administração da igreja, ou pela atividade de nossas memórias, mas pela operação do Espírito que desfrutamos da comunhão Cristo. Cristo não está no pão ou no vinho. Ele é conhecido através dos elementos, por intermédio do Espírito. Cristo que subiu aos céus continua a expressar seu amor a seu povo por meio dos sacramentos. Eles marcam o ingresso e permanência do eleito na comunhão de um só corpo do qual Cristo é a cabeça.

Capítulo 10 – Dons para o ministério. Neste capítulo é tratado como Cristo fortalece a unidade dos diversos membros do seu corpo, através de dons de outro gênero, também dados através do Espírito. Ainda destaca que a correlação entre a ascensão de Cristo e a descida do Espírito assinalam que o dom e os dons do Espírito servem como a manifestação externa do triunfo e entronização de Cristo. Assim como na construção o tabernáculo, na construção do novo templo de Deus, dons do Espírito são dados para equipar o povo de Deus e capacitá-los a colocar em e evidência a gloria de Deus, a plenitude de Cristo, no templo de Deus. Assim Cristo adorna a sua esposa, a igreja. Não há contudo, uma lista exaustiva dos dons do Espírito nas páginas do Novo Testamento. Nas listas existentes, vê-se claramente o ministério da Palavra revelatória de Deus presente (cf 1Co 12.8-11; 1Co 12.28; Rm 12.6-8; Ef 4.11; 1Pe 4.11). Visto ser ela fundamental para o uso de todos os demais dons. Ela estabiliza e nutre; eles dão expressão a essa Palavra. Os dons espirituais refletem mais a graça do Doador que a graciosa condição do agraciado. Eles são dados para capacitar os que os recebem a ministrarem a outros. Quanto ao uso dos dons na igreja, há contudo um abismo; de um lado os cessacionistas e de outro os continuacionistas. A tese em favor da continuação repousa em: O fato bruto (milhões de cristãos estão errados?); O Novo Testamento em parte alguma que qualquer dos dons do Espírito seja interrompidos; portanto, eles continuam; O ponto de vista cessacionista implica em duas dispensações distintas: A da nova era inaugurada por Jesus na sua morte e a da era apostólica e pós; Ao reconhecer que a profecia eventualmente cessaria, Paulo indica que tal coisa aconteceria quando “viesse a perfeição”, (1Co 13.10). Os cessacionistas apontam para o desaparecimento de determinados dons durante a maior parte da existência da igreja. Os dons extraordinários parecem limitar-se a uns poucos e breves períodos na história bíblica. Como podemos explicar os fenômenos sobre os quais tantos testificam? A pergunta põe certas dificuldades tanto para continuacionistas quanto para os cessacionistas.

Capítulo 11 – O Espírito cósmico. O que já havia sido concretizado em Cristo pelo Espírito é agora reduplicado na nova humanidade pelo mesmo Espírito. Se o Espírito é criador, podemos também falar dele como o Espírito cósmico, tudo será conduzido à consumação pelo seu ministério. A habitação do Espírito não é um conceito limitador; contém implicações limitadas para o presente. A esperança bíblica nos aponta para um período futuro em que a atividade redentora do Espírito será sem limite. No Novo Testamento, a glorificação dos crentes, é vist como a começar já na presente ordem. Através do Espírito, eles já estão sendo transformados de gloria em gloria, a contemplar e a refletir a face do Senhor. Mas a consumação dessa glorificação aguarda o *eschaton* e o ministério do Espírito na ressurreição. Aqui, também, o padrão de sua operação é: como em Cristo, assim nos crentes e, por implicação, no universo.